

**GUILLERMO  
DEL TORO**

*AS SOMBRAS DO MAL*

*AS FITAS DE BLACKWOOD • VOLUME 1*

*TRADUÇÃO DE STEPHANIE FERNANDES*



**CHUCK  
HOGAN**

 [intrinseca.com.br](http://intrinseca.com.br)

 [@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)

 [editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)

 [@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)

 [intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

# SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Aviso

Prelúdio: A caixa

2019. Newark, Nova Jersey

1962. Delta do Mississippi

1582. Mortlake, Grande Londres

2019. Newark, Nova Jersey

1962. Delta do Mississippi

2019. Newark, Nova Jersey

1962. Delta do Mississippi

2019. Newark, Nova Jersey

1582. Mortlake, Grande Londres

2019. Manhattan, Nova York

1962. Delta do Mississippi

2019. Englewood, Nova Jersey

1962. Delta do Mississippi

1582. Mortlake, Grande Londres

2019. Queens, Nova York

Epílogo: A caixa

Sobre os autores

Conheça outros títulos de Guillermo del Toro

Leia também

CH:

*Para Richard Abate*

GDT:

*Para Algernon Blackwood, Lord Dunsany e Arthur Machen*

LEITORES ATENTOS VÃO identificar em nosso personagem principal uma homenagem a um dos escritores que mais admiramos e o criador do subgênero “detetive do sobrenatural”, Algernon Blackwood. Embora alguns rituais religiosos aqui descritos tenham sido adornados para aprimorar efeitos narrativos, quaisquer erros nos fatos apresentados não foram propositais. É muito importante, contudo, ressaltar que o roubo de túmulos em Nova Jersey para fins relacionados ao ocultismo não é de todo ficção ou coisa do passado. Está acontecendo. Agora mesmo.

## PRELÚDIO: A CAIXA

BEM NO VÃO entre dois prédios do Distrito Financeiro de Manhattan — a saber, entre os números 13 e 15 da Stone Street —, encontra-se uma propriedade muito estreita, cujo endereço oficial é Stone Street, número 13 ½.

Com cerca de um metro e vinte de largura e nove de altura, e uma fachada de pedra ao estilo colonial que ocupa o espaço entre os prédios, a propriedade não tem nenhum propósito aparente senão o de amparar uma caixa de correio bastante comum, feita de ferro fundido, aos moldes da era eduardiana.

A Caixa não tem adornos, nem qualquer característica marcante além de uma grande abertura para envelopes, e não conta com portinhola ou chave para a retirada da correspondência nela depositada.

Atrás da Caixa, há uma cunha maciça de pedra e argamassa.

A escritura desse ínfimo mistério urbano data do período colonial holandês, e os impostos são pagos à risca pela firma Lusk e Jarndyce desde 1822. Antes disso, os registros da propriedade constam apenas em referências, mas tudo dentro da legalidade.

A mais antiga menção à Caixa de que se tem registro remonta a um panfleto na cidade, à época ainda conhecida como Nova Amsterdã. “O mais completo relato das vicissitudes de Jan Katadreuffe e sua Virtuosa Ascensão Final ao Reino do Nosso Senhor.”

O referido panfleto, publicado por Long e Blackwood em 1763, em formato de fôlio e com quatro páginas, conta a história de um próspero comerciante de especiarias que faz um pacto com um demônio para assegurar a chegada de seus navios e carregamentos.

Os navios aportam bem, mas, pouco tempo depois, um espírito ímpio aparece, instaura o caos e passa a torturar o comerciante todos os dias ao cair da noite, mordendo-o brutalmente, arranhando suas costas e montando em seu corpo feito jóquei, enquanto a pobre alma se lamuria, em estado de miséria e desgraça, e comete atos pecaminosos de extrema violência.

Na tentativa de ajudar, um fiel não ordenado apresenta a um padre uma possível solução:

“... Na High Street, a caixa de ferro  
Acolhe as aflições mais vis.  
Uma carta selada leva o nome Blackwood.  
E em quinze dias ele há de vir...”

Para o padre, o louvor a Deus e os sacramentos são as únicas soluções possíveis. Katadreuffe paga por uma litania e é liberto de seu tormento poucas horas antes de falecer, purificado.

Uma pequena e singela lápide eterniza a partida do comerciante. Na lateral da Igreja da Trindade, em Manhattan, na Rector Street, lê-se o epitáfio:

“AQUI JAZ O CORPO DE JAN KATADREUFFE, MERCADOR DE  
ESPECIARIAS E MADEIRAS.



FALECEU AO 16 D'OUTUBRO DE 1709  
AOS 42 ANOS DE IDADE.

CONTEMPLA A TUA PASSAGEM.  
POIS O QUE ÉS AGORA  
FUI ONTEM,  
E O QUE HOJE SOU, NÃO DEMORA,  
SERÁS TAMBÉM.  
PREPARA-TE PARA A MORTE E VEM..."

Ao longo dos séculos, o endereço da Stone Street, número 13 ½, resistiu a incontáveis litígios: zoneamento, corporações e muito mais. Cada uma dessas batalhas legais foi vencida com muito custo. E assim permanece a Caixa: um mistério à luz do dia. Quase todo mundo passa por ali sem notar.

Dez anos atrás, uma grande seguradora que ficava do outro lado da rua instalou três câmeras de segurança. Um observador atento poderia afirmar que, embora algumas poucas cartas sejam postadas na Caixa — uma correspondência a cada três semanas, aproximadamente —, ninguém as recolhe, e a pequena caixa de correio nunca chega a transbordar.

A respeito desse ínfimo mistério, ao menos um fato é corroborado repetidas vezes com o passar das décadas: toda correspondência que postam na Caixa é de caráter urgente — um pedido desesperado de ajuda — e todo envelope, sem exceção, traz o mesmo nome:

“Ilmo. Sr. Hugo Blackwood”.

# 2019. NEWARK, NOVA JERSEY

ODESSA DEIXOU o cardápio de lado e olhou ao redor da lanchonete Soup Spoon em busca do menu do dia. Lá estava, em um quadro branco próximo ao balcão da recepcionista, escrito em letra de forma com canetinha vermelha. Algo na caligrafia desenterrou uma lembrança esquecida de seus dias na Academia do FBI em Quantico, na Virgínia.

Diante do auditório, um palestrante de Ciências Comportamentais escrevia definições de homicídio com uma pilot vermelha que chiava ao tocar o quadro.

A classificação, explicou o palestrante, nada tinha a ver com os homicídios propriamente ditos — gravidade, método ou modo —, mas com o período de inatividade entre as mortes.

— A marca registrada do Assassino em Série é o ciclo. Semanas, meses ou até anos podem se passar entre os crimes.

“O Assassino em Massa age em um único cenário, dentro de um período limitado, chegando a um mínimo de quatro homicídios em rápida sucessão, com pouco ou nenhum tempo de inatividade entre eles.

“O Assassino Relâmpago mata em múltiplos cenários, geralmente num curto período, e o ataque pode durar de uma hora a vários dias ou semanas. Relacionado: Assassino de Massacre ou Chacina, uma única pessoa que tira muitas vidas em um único evento homicida.”

As últimas duas definições davam margem para sobreposição. Um caso difícil de classificar — em geral, considerado a primeira chacina nos Estados Unidos — tinha acontecido a apenas cento e dez quilômetros ao sul da lanchonete onde ela se encontrava.

No dia 6 de setembro de 1949, o veterano de guerra Howard Unruh saiu da casa da mãe em Camden, Nova Jersey, vestindo seu melhor terno e uma gravata-borboleta listrada. Tinha vinte e oito anos de idade. Ele havia discutido com a mãe durante o café da manhã, o que levou a mulher a correr para a casa dos vizinhos em desespero, dizendo-lhes que temia que algo terrível estivesse prestes a acontecer.

Unruh chegou ao centro da cidade armado com uma pistola Luger alemã, portando trinta cartuchos de nove milímetros. Em um intervalo de doze minutos, matou treze pessoas e feriu outras três. Entre as cenas do crime estavam uma farmácia, uma barbearia e uma alfaiataria. Embora tenha sido comprovado que o desejo de matar era premeditado — mais tarde, descobriu-se que Unruh mantinha um diário com uma lista de inimigos —, suas vítimas eram um misto de alvos preferenciais e pessoas que tiveram o azar de cruzar seu caminho naquela manhã ensolarada de quinta-feira. Tanto as vítimas quanto as testemunhas descreveram o olhar de Howard como absorto, atordoado.

Para qualquer pessoa que não seja um profissional da lei, pouco importa a classificação do crime. O único fato que realmente importava, no caso, era que, por mais de sessenta anos, a matança de Unruh manteve o posto de pior chacina de Nova Jersey.

Isto é, até a noite em que Walt Leppo pediu bolo de carne.

\* \* \*

— É feito na hora? — perguntou Walt para a jovem garçonete depois de voltar do toalete.

— Mas é claro! — respondeu ela.

— Você pode me fazer um favor, então? Pode ver se talvez tenha sobrado uma ou duas fatias da hora do almoço? De preferência mantidas sob uma lâmpada de aquecimento por algumas horas? Bem sequinhas, com as bordas torradas?

A garçonete ficou olhando para Walt, sem saber se aquilo era uma brincadeira. Ela devia estudar em uma das faculdades de direito das redondezas. Odessa terminara seu terceiro ano de direito a muito custo, trabalhando como garçonete em Boston, e se lembrava muito bem do desconforto que sentia quando certos clientes faziam pedidos bizarros, quase fetichistas. Geralmente eram homens solitários, que pareciam querer escolher mulheres no cardápio, e não só comida.

A garçonete olhou de relance para Odessa, sentada de frente para Leppo, e a agente lhe ofereceu um sorriso encorajador, na esperança de acalmar a jovem.

— Vou dar uma olhada — disse ela.

Walt agradeceu, então fechou e devolveu o cardápio.

— Ah! E prefiro as fatias da ponta.

A garçonete se retirou com os pedidos. Walt comentou com Odessa:

— Na minha época, chamávamos as fatias da ponta de “bundinha”.

Ela respondeu com um meneio, fingindo interesse, e disse, num tom descontraído:

— Bundinha, é? Seu tarado...

Walt deu de ombros.

— Só porque gosto de bolo de carne do jeito que a minha mãe fazia?

— Meu Deus! Fixação oral, ainda por cima.

— Sabe de uma coisa, Odessa? Tenho uma novidade para você: tudo pode ser sexualizado. Tudo. Até bolo de carne, pelo visto.

— Aposto que você gosta de torrada queimada também.

— Parecendo carvão. Mas, escuta, você não recebeu o memorando com as regras? Os novatos não podem analisar os agentes veteranos, sabia?

Ambos se viraram quando os primeiros pingos de chuva começaram a tamborilar na janela panorâmica da fachada da lanchonete.

— Só me faltava essa — comentou Leppo.

Odessa deu uma olhada no celular. O aplicativo de previsão do tempo mostrava uma massa de precipitação em tons de jade e menta se aproximando de Newark, feito uma nuvem de gás tóxico. Ela virou a tela para Leppo poder ver. Seu guarda-chuva estava trancafiado junto a uma espingarda Remington 870, calibre doze, no porta-malas do Impala deles, estacionado a meio quarteirão dali.

— Típico temporal de Jersey — disse Leppo, desdobrando o guardanapo. — É que nem dar banho em cachorro no banheiro de casa. Fica tudo encharcado e nem um pouco limpo.

Mais uma das “teorias de Leppo”. Odessa deu uma risadinha sem tirar os olhos da janela, que era gradativamente metralhada pelos pingos de chuva. As poucas pessoas do lado de fora começavam a apertar o passo com um senso impreciso de urgência.

Tudo se acelerava.

\* \* \*

No exato momento em que Leppo fazia perguntas sobre o bolo de carne (conforme linhas do tempo posteriores viriam a corroborar), a quase vinte quilômetros ao norte de Newark, Evan Aronson estava na espera de uma chamada com a operadora de seu plano de saúde, ao som de soft rock dos anos 1970, aguardando para questionar a sobretaxa de uma visita recente ao pronto-socorro. No encontro de dez anos de formados com os amigos da faculdade, semanas antes, ele tinha distendido o bíceps esquerdo tentando repetir a tradicional corrida sobre banheiros químicos, que costumava organizar com os amigos da fraternidade durante as madrugadas. Ele decidira pegar no colo um amigo, Brad “Bomba” Bordonsky, ainda que ele tivesse ganhado quatorze quilos desde a formatura.

Enquanto aturava mais um sucesso da banda Styx, Evan tirou os olhos de sua mesa na sala de voos fretados do Aeroporto Teterboro e observou um Beechcraft Baron G58 novinho em folha taxiando no hangar de aviação particular mais próximo. O piloto, um homem alto, em torno dos cinquenta anos, desceu da cabine da aeronave bimotor de um milhão de

dólares. Vestia uma calça de moletom cinza, um pulôver de manga comprida e sandálias, e desapareceu dentro do hangar, deixando os motores do avião ligados. Um funcionário do hangar trocou algumas palavras com ele e então se afastou.

Pouco depois, o homem voltou segurando uma chave inglesa enorme.

Os pilotos, sobretudo os proprietários de aviões, geralmente não consertavam as próprias aeronaves, ainda mais quando havia dois motores de trezentos cavalos rodando e hélices girando mais rápido do que a visão humana é capaz de acompanhar. Evan se levantou para enxergar melhor. Estava com o braço esquerdo em uma tipoia e, com a mão direita, segurava o gancho do telefone, conectado por um fio à base de sua mesa.

Sob o zunido da turbina, ele ouviu um estouro — e ao mesmo tempo um ruído de trituração.

Evan escutou o barulho de novo, e dessa vez estava com dificuldade para ver o piloto, que aparentemente trabalhava atrás da fuselagem do Beechcraft. O homem contornou a asa mais próxima, e Evan o viu desferir um golpe de chave inglesa contra a luz de navegação. A vedação das lâmpadas se rompeu com o impacto; o revestimento de plástico vermelho se despedaçou, espalhando estilhaços pelo asfalto; e a luz se apagou.

Evan não conteve o susto, de tão obsceno que era aquele ato de violência contra a aeronave de milhões de dólares. Ele esticou o fio do telefone ao máximo. O embalo suave de “Lady” oferecia um contraponto esquisito à cena do proprietário do avião vandalizando o próprio patrimônio.

Os jatinhos privados de luxo eram paparicados como animais de estimação e conservados à risca, como carros de corrida. O que aquele homem estava fazendo era o equivalente a arrancar os olhos de um cavalo puro-sangue com uma chave de fenda.

Aquele não era o proprietário, presumiu Evan, não podia ser. Alguém estava causando danos de milhares de dólares à aeronave... talvez fosse um roubo.

— Sr. Aronson, estou com a sua ficha aqui na minha frente... — disse o representante da seguradora, mas Evan se viu obrigado a soltar o bocal, deixando-o quicar no chão. Saiu correndo do escritório, sob os pingos cortantes de chuva gelada, olhando de um lado para outro, na esperança de que alguma outra pessoa estivesse vendo aquilo e pudesse ajudá-lo.

O homem alto terminou de destruir a última lâmpada, deixando a aeronave envolta em escuridão. Uma tênue iluminação de emergência servia de contraluz.

— Ei! — berrou Evan, acenando com seu braço bom.

Ele se aproximou um pouco, gritando “Ei” sem parar, tanto para o homem alto quanto para todas as direções, na esperança de chamar a atenção de alguém com dois braços funcionais.

Um funcionário do hangar se aproximou do piloto e tentou contê-lo. Com três golpes de chave inglesa, o homem alto afundou o lado direito da cabeça do funcionário — o ataque durou poucos segundos. O funcionário desabou e ficou estirado no chão, tomado por espasmos agonizantes.

O piloto se agachou e deu conta do restante do crânio, como um homem das cavernas terminando de matar a presa.

Evan sentiu tanto medo que congelou. Sua mente não



estava conseguindo processar tamanha violência.

O piloto largou a chave inglesa, fazendo ecoar um baque, e seguiu andando em torno da asa esquerda, perigosamente perto da hélice. Por fim, subiu pela asa e se acomodou na cabine de vidro.

A aeronave deu um solavanco e começou a se mover.

A única iluminação restante era a luz da aviônica da cabine, um painel em LCD Garmin G1000 verde e azul, que, para Evan, fez com que o piloto parecesse um alienígena.

Estava hipnotizado pelo olhar vazio do homem.

Com um movimento mecânico, o piloto se agachou para pegar algo na cabine, abaixo da linha de visão de Evan. De repente irrompeu uma explosão de ruídos e um fogaréu, estilhaçando a janela direita da aeronave. Os tiros de uma AK-47 perfuraram o corpo de Evan como pregos quentes. Seus joelhos cederam, e ele caiu de cabeça no asfalto, perdendo a consciência na hora.

Enquanto o Beechcraft apagado taxiava, Evan sangrou até morrer, em paz.

\* \* \*

Odessa pediu bife com salada. Sem cebola, porque não queria passar a noite toda com o gosto na boca. Pediu café, porque estavam no meio do expediente e porque é isso que agentes do FBI bebem.

— Você sabia — disse Leppo, assim que a garçonete se afastou da mesa — que tem mais rastros de fezes humanas em cardápios do que em qualquer outro lugar de um restaurante?

Odessa pegou uma garrafinha de álcool em gel na bolsa e colocou-a na mesa como se movesse uma peça de xadrez.

Leppo gostava dela, Odessa sabia disso. Ele tinha uma filha já adulta, e via um pouco dela na colega mais jovem. Gostava de mantê-la sob sua asa. Não havia parceiros designados no FBI. Leppo queria lhe mostrar o caminho das pedras, ensiná-lhe “o jeito certo” de fazer as coisas. E ela queria aprender.

— Meu velho passou trinta anos vendendo utensílios de cozinha pelos cinco distritos de Nova York, até que o coração dele não aguentou mais — contou o agente. — E ele sempre dizia, e talvez essa seja a lição mais importante que vou ensinar a você no seu terceiro ano de agência, que o maior indício de um restaurante limpo é o banheiro. Se o banheiro estiver em ordem, pode ficar tranquila que a área de preparo da comida também é segura. Sabe por quê?

Ela tinha um palpite, mas era melhor deixá-lo concluir a pregação.

— Porque o mesmo imigrante chileno ou salvadorenho mal pago que limpa os banheiros também limpa a cozinha. Toda a indústria de serviços alimentícios, talvez toda a civilização, ousou dizer, depende do desempenho desses trabalhadores da linha de frente.

— Os imigrantes sempre dão conta do serviço — falou Odessa.

— São heróis — concordou Leppo, propondo um brinde com a xícara de café. — Só podiam dar um jeito de limpar melhor os cardápios.

Odessa sorriu, mas logo depois sentiu gosto de cebola na salada e fez cara feia.

\* \* \*

A primeira chamada de emergência veio de Teterboro, dizendo que um jatinho particular havia decolado sem autorização da torre. A aeronave fizera uma curva inclinada para o leste, sobre o distrito de Moonachie e a rodovia I95, rumo ao rio Hudson. O avião, que se presumia ter sido roubado, voava em um padrão errático, subindo e descendo milhares de metros de altitude, por vezes fora do raio de alcance dos radares.

A Autoridade Portuária de Nova York e Nova Jersey emitiu um alerta de emergência. Fecharam o Aeroporto Teterboro, seguindo os regulamentos da Administração Federal de Aviação, suspenderam todos os voos pendentos e redirecionaram o tráfego de entrada para o Aeroporto Municipal de Linden, um pequeno aeródromo ao sul de Nova Jersey, mais usado para passeios turísticos de vista panorâmica e viagens de helicóptero.

A primeira chamada de emergência feita por um cidadão veio do operador de um rebocador no rio Hudson, a um ou dois quilômetros da ponte George Washington. Ele alegou ter visto um avião com as luzes apagadas voar bem baixo, entre o barco e a ponte, “fazendo uns estalos” em meio à chuva. O operador disse que soou como se o piloto tivesse atirado rojões em seu barco, e ficou com medo de ser o “começo de outro 11 de Setembro”.

A segunda chamada de emergência veio de um executivo de moda que estava a caminho de casa, em Fort Lee, passando pela ponte George Washington, quando reportou ter visto “um grande drone” voando na direção do Upper West Side, em

Manhattan.

A isso se seguiu uma enxurrada de chamadas de emergência dos residentes da ilha, alegando que uma aeronave tinha passado rente a seus prédios residenciais ou locais de trabalho. O avião foi visto sobre o Central Park, beirando a Quinta Avenida, na direção sul, mas era difícil acompanhá-lo, já que voava às escuras. O padrão de chamadas delineou uma rota de voo diagonal pelo sul de Manhattan, sobre o Greenwich Village, e depois de volta para o rio Hudson.

A balsa de Staten Island estava fazendo sua travessia à vista da Estátua da Liberdade quando o Beechcraft deu um rasante sobre a popa da embarcação. As únicas luzes visíveis eram as explosões no cano do rifle automático que atirava pela lateral direita da cabine. Projéteis acertaram o casco laranja da balsa *MV Andrew J. Barberi*, e alguns chegaram até a estilhaçar as janelas da área da tripulação. Dois passageiros foram baleados, mas nenhum ficou em estado grave. Dezesete passageiros sofreram ferimentos mais sérios durante a onda de pânico que se seguiu, obrigando a balsa a dar meia-volta e retornar ao terminal sul de Manhattan.

Mais tarde, três furos de projéteis foram encontrados no revestimento de cobre da coroa e da tocha da Estátua da Liberdade, mas não houve registro de feridos no monumento.

O Beechcraft fez uma curva fechada a oeste, retornando ao espaço aéreo de Nova Jersey. Foi visto sobre a cidade de Elizabeth, rumo a Newark, a cidade mais populosa do estado, cortando a chuva noturna.

O aeroporto internacional de Newark também foi fechado, e o tráfego, desviado.

Surgiram relatos de uma segunda aeronave sobre a região sul de Nova Jersey, mas logo foi confirmado que se tratava de avistamentos do mesmo veículo.

Em alguns momentos a altitude do Beechcraft chegava a trinta metros. De uma estrada, um passageiro de ônibus muito observador conseguiu ver o prefixo na fuselagem do avião e notificou a polícia estadual por mensagem de texto.

Dois jatos de combate F-15 decolaram da Base da Guarda Nacional do Ar de Otis, em Cape Cod, e voaram até Manhattan a uma velocidade supersônica.

Sirenes policiais invadiram a noite por toda a área de Newark, com viaturas correndo até os locais de avistamento da aeronave, mas a mobilização terrestre municipal foi completamente ineficaz. Em poucos minutos, o avião foi visto sobrevoando a ponte Pulaski Skyway, depois o bairro de Weequahic, depois a baía de Newark e, por fim, o MetLife Stadium, no Complexo Esportivo de Meadowlands.

\* \* \*

— Que tal o bolo de carne? — perguntou Odessa.

— É o melhor que já comi — respondeu Leppo, de boca cheia.

Odessa balançou a cabeça e riu, depois acenou com a xícara de café vazia para a garçonete. Ela ia precisar da cafeína. Os dois estavam trabalhando em um grande escândalo de corrupção envolvendo Cary Peters, ex-subchefe do gabinete do governador de Nova Jersey. Peters tinha deixado o cargo três meses antes, em uma aparente tentativa de refrear as

*image  
not  
available*

— A ameaça terrorista — respondeu Davey. — Já acionaram uns caças de Otis.

— Da base aérea de Otis? — perguntou Leppo, incrédulo. — Para quê? Para derrubá-lo em Hoboken?

— Se for preciso... Ele está voando em zigue-zague sobre o Hudson, fazendo acrobacias, dando rasantes, atirando pela cidade.

— O que já sabem sobre esse cara?

Odessa parou no acostamento para deixar passar outra viatura, que corria na direção oposta.

— O avião está registrado em nome do CEO da Stow-Away. É uma empresa de locação de galpões, depósitos e armazéns, daqueles prédios quadrados, laranja. Mas a suspeita é de roubo. Temos duas mortes em Teterboro, funcionários do aeroporto. Um minuto, Walt...

Davey cobriu o microfone com a mão para falar com algum outro agente que estava por perto, e o som da chamada ficou abafado. Odessa e Leppo se entreolharam.

— Stow-Away — repetia ela, sentindo uma pontada no peito.

— Não pode ser... — disse Leppo.

O CEO da Stow-Away, um homem chamado Isaac Meerson, era um dos maiores doadores do Partido Republicano em Nova Jersey... e amigo próximo do governador de Nova Jersey, e de Cary Peters.

— O que não pode ser? — quis saber Davey, de volta à linha.

— A Stow-Away está sendo investigada no caso de corrupção em que eu e Hardwicke estamos trabalhando e que

*image  
not  
available*



As luzes piscantes do Impala ajudaram Odessa a ultrapassar outros carros, mas o trânsito estava engarrafado por toda parte. Leppo ligou um aplicativo de navegação e ditou o caminho, conduzindo-os por vias alternativas até a casa da esposa de Peters em Upper Montclair.

Já tinham decidido não acionar a polícia local.

— Ainda é só um palpite — disse Leppo. — Além do quê, já estão ocupados o bastante. A última coisa que queremos é desperdiçar força policial por uma suspeita equivocada.

— Você acha que é um ataque terrorista ou algo do tipo? — perguntou Odessa.

— Se for, tudo isso vai acabar em breve. Os caças não vão deixar barato. Vão derrubar ele rapidinho. Se não for... É um cara que está com a corda no pescoço. Um cara que tem três filhos, uma ordem de restrição e nenhuma chance de voltar para a vida que levava antes.

Um turbilhão de pensamentos e teorias passava pela mente de Odessa. As chances de o criminoso ser Cary Peters eram muito pequenas; seria uma coincidência e tanto. Era uma aposta arriscada.

No entanto, o avião pertencia à empresa de galpões ligada ao escândalo. Só isso já era uma forte conexão.

— Divórcio enlouquece mesmo — disse Leppo. — Acho que nunca comentei com você, mas fui casado antes da Debonita.

A esposa de Leppo de quase vinte anos se chamava Deb, mas o policial se referia a ela como “Debonita”. Era uma mulher franzina de cabelo ruivo e revolto à la Medusa que dirigia um SUV colossal, um Tahoe vermelho. Odessa a encontrara duas vezes antes. A primeira tinha sido logo que

*image  
not  
available*

de cima.

Odessa deixou a despensa correndo. Atravessou a cozinha, encontrou a base da escadaria e olhou para cima.

— LEPPPO!

Ela chamou Walt mais uma vez, querendo saber sua localização e também avisá-lo de que estava subindo. Toda semana, na Academia do FBI, treinavam como evitar fogo amigo.

Mais gritos. Odessa subiu correndo, dois degraus por vez.

— LEPPPO!

Ela esquadrinhou o corredor: vazio. Uma luz azul pulsava através de uma janela que dava para a rua: a polícia estava chegando. As luzes das viaturas deveriam servir de alívio, mas, em vez disso, o flash azul conferiu ao segundo andar um efeito desorientador, como se fosse uma casa de espelhos.

Ela entrou na primeira porta que encontrou. O quarto era cor de pêssego e rosa, todo em tons pastel; a manta da cama desfeita era cheia de babados.

Do lado da cama, debaixo de um lençol ensanguentado no chão, encontrava-se um pequeno corpo humano.

*Não pode ser verdade, não pode ser verdade.*

Odessa levantou uma ponta do lençol, apenas o bastante para ver um pequeno pé descalço, um tornozelo e uma panturrilha franzina. Não tinha por que ver o corpo ferido. Não queria ver o rosto.

De volta ao corredor. Hiperventilando, com os ouvidos zunindo e a visão oscilante feito um navio na tempestade.

— LEPPPO!

Um segundo quarto a esperava logo adiante. Pela porta

*image  
not  
available*

suaves até virarem apenas um suspiro estridente, como um pneu murchando. Seu olhar se vitrificou e perdeu o brilho.

Estava tudo acabado.

Odessa soltou o ar que sem perceber estava segurando desde que tinha atirado.

— Eu atirei nele — disse a Leppo e também para si mesma. — Eu matei ele.

Foi quando Odessa notou duas coisas, quase ao mesmo tempo: um leve cheiro de queimado, similar ao de pasta de solda, e a voz de uma menina chorando e pedindo ajuda num outro cômodo, abafada pelas sirenes que se aproximavam da casa.

— Socorro! Quem tá aí?

A terceira criança da família Peters. Ainda viva, ilesa.

Odessa não conseguia parar de olhar para o corpo de Peters. De soslaio, viu Leppo sair em disparada rumo ao último quarto, no fim do corredor. Ia ao socorro da única sobrevivente da família Peters.

Ela se sentiu um pouco mais tranquila. Endireitou-se e deu um passo à frente, sem tirar os olhos do homem que tinha matado.

Logo adiante, Leppo diminuiu o passo quando chegou ao pé da porta, antes de entrar. Odessa levantou o rosto e, assim que o colega entrou no cômodo, viu que ele ainda segurava a faca.

A primeira coisa que ela pensou foi que o parceiro não estava seguindo os procedimentos devidamente. A arma do crime era uma prova e precisava ser tratada como tal.

— Leppo! — berrou, tentando chamá-lo da outra ponta do corredor, ao lado do corpo de Peters.

*image  
not  
available*

pólvora que ainda emanava do cano da pistola...

O corpo de Leppo murchou visivelmente, como se alguma coisa, alguma entidade, deixasse-o para trás enquanto ele morria.

\* \* \*

Quando as autoridades de Montclair invadiram o quarto, encontraram uma mulher jovem sentada no chão, abraçada a uma menina trêmula e chorosa de nove anos que tinha um corte profundo no ombro. Um homem de meia-idade estava caído entre a cama e a mesa de cabeceira da menina, morto por dois tiros. A mulher soltou a menina para mostrar aos policiais armados seu distintivo do FBI.

— Agente ferido... — avisou Odessa, em pânico. — Agente ferido...

*image  
not  
available*



congregados não expressavam o típico júbilo das igrejas batistas do Sul do país.

*Ele caminha à minha frente,*

*E ao meu lado,*

*Portanto não temo.*

Era um canto pesaroso. Pairava no ar uma ansiedade densa, opressiva, junto com o calor e a umidade. Designar Solomon para o caso mostrava desespero por parte do FBI, talvez sob ordens da Casa Branca. Enviá-lo para Gibbston, para estabelecer contato com a comunidade negra no interior do Sul dos Estados Unidos, era como enviar um comunista radical para escutar os interesses dos comunistas moderados.

O culto acabou e os fiéis começaram a sair. Vestidos com suas melhores roupas, desciam do patamar da entrada à calçada de terra. Os homens colocavam seus chapéus de volta.

Macklin e os demais tinham alguns conselhos para Solomon.

— Deixa eles te verem aqui, deixa eles ficarem curiosos. Senão você vai assustar o pessoal.

Mas Solomon sabia que a manhã de domingo, das onze ao meio-dia, era o único momento em que a maioria da comunidade local se reunia, ou podia se reunir. Deixar passar a oportunidade significaria esperar mais uma semana, no mínimo.

Ele comentou isso com o agente Macklin.

— Não — disse Macklin. — Hoje mais tarde e amanhã nós vamos sair, cada um por sua conta, para recolher alguns

*image  
not  
available*

que somente uma pessoa de idade é capaz de lançar.

Um homem de trinta e poucos anos tirou o chapéu de palha, revelando uma careca reluzente e a carneira amarelada de suor na parte interna do acessório. Usava um pequeno alfinete de gravata de crucifixo, com uma pedrinha de vidro onde as linhas prateadas se cruzavam. Fitou os policiais que aguardavam ansiosamente do outro lado da rua, antes de voltar a atenção para Solomon.

— Talvez você devesse saber do menino — disse ele, quase sussurrando.

\* \* \*

O agente branco — cujo nome, conforme Solomon descobriu, era Tyler — foi dirigindo, com o agente Macklin no banco do passageiro e Solomon sentado sozinho atrás. Seguiram a viatura do xerife, uma perua bege e marrom com a estrela do condado estampada na porta.

Pegaram uma estradinha suave de quilômetros e quilômetros de canaviais de açúcar. Com as janelas abertas para o ar circular, Macklin precisou berrar para se fazer ouvir em meio às rajadas de vento quente e à fumaça de cigarro. Solomon não tinha respostas para as perguntas dos outros agentes. Ele não sabia o que os aguardava no local, se iam encontrar um suspeito, uma testemunha do crime ou alguma coisa completamente diferente. O homem de chapéu de palha não quisera dizer mais nada, silenciosamente coagido à submissão pelos demais fiéis.

O xerife parou a viatura para pedir informações a um garoto

*image  
not  
available*

dos tornozelos, que estavam em carne viva. Além disso, seus pés estavam inchados, do tamanho dos pés de um adulto.

A imagem dos grilhões fez a cabeça de Solomon girar. Pareciam correntes de escravos de um século atrás.

Ele percebeu que o ar dentro do quarto sem janelas era diferente. A atmosfera parecia alterada, como se estivesse na cabine despressurizada de um avião. Ele ouviu um som distante e abafado, um misto de zunido e estrondo, parecido com o que costumava ouvir ao fim de uma longa tarde de treino no estande de tiro da Academia do FBI. Só que era mais que isso. Sentiu-se desorientado, zozzo. Se seu cérebro fosse um rádio, diria que a recepção estava bloqueada por algum motivo.

No entanto, Solomon se esqueceu da questão assim que o menino se virou para ele. As correntes roçaram o estrado da cama, ferro contra ferro, e o menino sem camisa levantou um pouco o rosto, fixando os olhos em Solomon. E que olhos. Eram metálicos, quase prateados, talvez azuis. Arregalados de loucura. O rosto do menino estava retorcido, como uma luva de couro velha em uma mão grande demais. O agente estremeceu.

A boca do menino se abriu e permaneceu aberta, à beira de uma enunciação, pelo que pareceu ser um longo tempo. Bem quando Solomon imaginou que ele não soltaria um pio, seus lábios secos se pronunciaram.

— *Blackwood.*

A voz soava longínqua, abafada, embrutecida por dias e mais dias de loucura e gritaria. Solomon estava abalado, ofegante e perturbado pela imagem do menino doente.

*image  
not  
available*

*De Legibus*, de Cícero, *Libelli Quinque*, de Cardano, *A ópera*, de Arnaldo de Vilanova, e muitos incunábulos — cerca de quatro mil volumes arcanos de grande relevância, organizados em um sistema peculiar que era compreendido apenas pelo curador: John Dee, filósofo ocultista e conselheiro da realeza britânica.

Em sua sexta década de vida, Dee ganhou fama como astrólogo, espião-chefe e cientista da corte da rainha Elizabeth, um influenciador da mais alta ordem. Haviam confiado a ele a tarefa de adivinhar e escolher a data da coroação da rainha, e durante vinte anos ele desfrutou de excelsa posição de consultoria nas mais altas esferas da vida londrina. Ultimamente, no entanto, sua relevância política andava abalada por conta de uma série de profecias falhas e sugestões rejeitadas pelo império. Seus estudos matemáticos ainda eram louvados e recebiam apoio, mas o mundo ao seu redor estava mudando. Todo avanço científico do século XVI era acompanhado por um enfraquecimento proporcional da magia elemental.

A cisão entre ciência e magia havia diminuído sua influência nos círculos da corte e afetava o favorecimento com o qual estava acostumado a contar — e que, a bem da verdade, financiara seu palacete em Mortlake e subsidiara as aquisições, tanto acadêmicas quanto esotéricas, que faziam de seu castelo da mente alvo de inveja de toda a Grã-Bretanha. Determinado, talvez até um pouco desesperado, Dee resolvera mergulhar de cabeça no estudo do sobrenatural.

Seu objetivo era remendar a cisão entre ciência e magia, construindo pontes por meio da prática da alquimia e da divinação. Para tanto, recorreu aos especialistas da área:

*image  
not  
available*



# 2019. NEWARK, NOVA JERSEY

A INVESTIGAÇÃO DA cena do assassinato em massa tomou a noite toda.

Odessa passou bastante tempo com os primeiros socorristas, descrevendo nos mínimos detalhes o que tinha acontecido, oferecendo a eles a identificação preliminar de Cary Peters como o agressor da mulher e das duas crianças mortas, e identificando Walt Leppo como oficial da lei. A menina estava muito abalada. Odessa não conseguiu fazê-la dizer nem seu próprio nome. Os socorristas a levaram.

Odessa encontrou os dois primeiros agentes do FBI enviados ao local no quarto da garota e relatou sua história a eles. Ela tinha experiência em lidar com testemunhas oculares, então tentou ser o mais direta e concisa possível. Mas, ao fim do relato, não conseguiu fazê-los entender que fora ela, e não Peters, quem atirou em Leppo. Primeiro, acharam que ela tinha se expressado mal; depois, que estava traumatizada e não falava coisa com coisa; então lhe disseram que um agente supervisor estava a caminho.

Odessa repetiu a história para o agente supervisor e, de novo, foi recebida com incredulidade. Dessa vez ela parou para ouvir as próprias palavras enquanto descrevia a parte no corredor, quando se deparou com os dois homens se debatendo, Peters desarmado e Leppo segurando a faca. E

*image  
not  
available*

de longe no saguão, de terno sem gravata, como se tivesse se vestido às pressas para o trabalho, sem saber o que fazer. Linus tirou os olhos do celular e teve um sobressalto quando Odessa se aproximou. Ela o abraçou e chorou mais um pouco. Não imaginava que tinham entrado em contato com ele.

Odessa conhecera Linus Ayers na faculdade de direito em Boston, cidade natal dele. Namoraram até a formatura, terminaram e, menos de um ano depois, acabaram indo morar juntos. Era uma história de amor, mas financeiramente o arranjo também fazia sentido para os dois jovens advogados, ela com seu salário de concursada no FBI e ele com sua carreira promissora em um escritório tradicional do outro lado do rio, em Manhattan.

— *Obrigada* — sussurrou ela no ouvido dele.

Linus massageou as costas dela para tranquilizá-la, enquanto ainda a abraçava.

— Eles me telefonaram. Pensei que algo tivesse acontecido com você, que estivesse machucada.

Ela balançou a cabeça e enterrou o rosto no ombro dele mais uma vez.

— A coisa está feia para o meu lado — disse ela.

— Você precisa de um advogado — afirmou Linus.

Ela deu um passo para trás para enxugar as lágrimas e poder olhar para ele, que a encarava com preocupação.

— Eu tenho um advogado. Você.

Ele quase abriu um sorriso.

Saíram por uma porta sem numeração na River Street e passaram despercebidos por uma repórter que mexia no celular, com o fone de ouvido pendurado no decote da blusa,

*image  
not  
available*

que indicasse tamanha crueldade.

O mesmo valia para Leppo. Odessa recapitulou o jantar deles horas antes. Não podia ter sido mais banal. E o trajeto para Montclair: Leppo sendo Leppo, seguindo um palpite, em sua melhor forma. A chegada à casa naquela noite: o agente veterano tomando a frente. Odessa refreada pela descoberta do corpo da esposa de Peters. Ela queria ter uma memória mais nítida dos barulhos no andar de cima.

Houve uma briga? Por que Leppo não tinha atirado com sua pistola? Como ele acabou pegando a faca de trinchar que Peters arranjava na cozinha?

O celular de Odessa tocou. Era do escritório de Claremont. Estavam enviando um carro. Queriam-na de volta para outro interrogatório.

— Vou arrumar um advogado para você — disse Linus.

— Não tenho como bancar um advogado.

— Você não tem escolha.

\* \* \*

Ela tomou banho, se vestiu e se apresentou para depor, acompanhada por um advogado do FBI. O depoimento foi filmado, e Odessa conseguiu responder tudo sem ceder à emoção e às lágrimas. Não fizeram perguntas sobre as condições do corpo de Walt Leppo depois de ser baleado. Ela assinou alguns formulários depois que o advogado os revisou, e informaram que seria chamada para um novo depoimento nos próximos dias, no Gabinete de Responsabilidade Profissional, unidade do FBI.

*image  
not  
available*

coisas nunca mais voltariam a ser como antes.

Por sorte, Odessa logo notou que estava passando pela Biblioteca Pública de Harrison. Dentro das salas frias, silenciosas, entre as pilhas de livros, recordou-se de como as bibliotecas das cidadezinhas onde crescera, na região de Milwaukee, no Wisconsin, haviam sido santuários durante sua juventude. O cheiro de papel velho, o toque gélido das estantes de metal, a lisura do piso de azulejo. Bibliotecas eram um bom lugar onde se esconder e explorar, assim como os livros que elas ofereciam. Odessa achou uma cadeira em um canto e resolveu se sentar um pouco. Deixou o celular na bolsa, como se fosse uma pedra radioativa resguardada em um estojo de chumbo; quebrar o lacre a colocaria em contato com seus raios prejudiciais, envenenando-a. Atordoada, ruminou sobre o fim de sua carreira, a vida em ruínas, a morte de Leppo. Apareceram crianças na biblioteca, e ela precisou fechar os olhos, de tão abalada que estava com a lembrança dos filhos mortos da família Peters.

Os alto-falantes anunciaram que a biblioteca seria fechada em quinze minutos, e Odessa se sentiu zozna. Avistou um relógio e se perguntou se os repórteres — pelo menos os da televisão — já não teriam desistido de transmitir imagens dela em seus noticiários. Estava escuro lá fora, e ela seguiu direto para seu prédio, com a chave em mãos. Felizmente não havia furgões de TV ou repórteres à vista. Ela conseguiu entrar no saguão e chegar ao apartamento sem dificuldade.

\* \* \*

*image  
not  
available*



analisou a mesa mais uma vez. O abridor de cartas parecia fino o bastante para se encaixar entre as gavetas.

Ela refletiu, sabendo que deixaria um rastro visível de arrombamento. Deu uma olhada na porta que dava no corredor, para ver se alguém estava por perto, então esmurrou a lâmina do abridor na abertura de cima da gaveta e virou-a de lado.

O fecho interno se partiu. A gaveta estava aberta. Ela torceu para que guardasse ao menos uma bebida das boas.

O que seu interior revelou, no entanto, foi um gravador de rolo. Ela ergueu o aparelho e o colocou na mesa. Material pesado, com certeza não era só de plástico. Era bege, com a tipografia da marca, Sony, bastante espaçada — “S O N Y” —, uma letra antiga, comprimida. Ostentava um velho plugue de dois pinos. O estojo prometia “alta fidelidade”. Os dois carretéis estavam vazios. Ela encontrou um punhado de rolos de sete polegadas no fundo da gaveta e os empilhou na mesa, junto ao gravador. Tinha uma vaga memória do avô enrolando fita no carretel de um gravador. Ficou curiosa o bastante para experimentar.

Colocou um rolo no carretel esquerdo e rebobinou, puxou a fita e encaixou-a no cabeçote. A fita marrom estava frágil; ela precisou tomar cuidado para não parti-la. Enrolou a ponta da fita no carretel receptor vazio e passou-a por uma fenda para que não desenrolasse e escapasse. Girou um pouco a fita à mão, depois plugou o gravador na tomada. Os pinos se conectaram à corrente elétrica com uma faísca azul bravia.

Ela ligou o aparelho e botou para tocar. Funcionou! Ou pelo menos parecia ter funcionado — não saiu som algum num

*image  
not  
available*

em Montclair, tirada naquela noite, iluminada pelas luzes vermelhas e azuis dos primeiros socorristas. E, então, a foto de uma mulher jovem com cabelo castanho na altura dos ombros, vestindo um blazer por cima de uma blusa branca, sorrindo com orgulho. Odessa chegou a engasgar quando reconheceu a própria imagem na televisão: era sua foto oficial dos registros no FBI.

E então de volta para o âncora. Não era nem uma emissora local, era a CNN. Cobertura nacional. Odessa não sabia o que estavam falando dela... mas, ao mesmo tempo, sabia.

— Você é funcionária?

A voz assustou Odessa. Ela se virou rapidamente, esperando ver alguém à porta.

Era Earl Solomon. Tinha acordado, se é que estivera mesmo dormindo. Ele estreitou os olhos, depois os arregalou. Eram olhos amigáveis, um pouco amarelados.

— Não — disse ela, sem fôlego.

Odessa deu uma olhada na televisão, mas o noticiário já tinha seguido para outra matéria. Voltou o rosto para o homem.

— Meu nome é... Odessa Hardwicke. Agente especial de Nova Jersey. E você é o agente... Sr. Solomon?

— Agente Solomon — confirmou ele. — Earl. Se importa de levantar um pouco o colchão para mim?

Ele apontou para o controle do leito, e Odessa fez o que o homem pediu, posicionando-o para que pudesse vê-la melhor. Os lábios dele estavam secos e a língua, pálida.

— Quer um pouco de água? — ofereceu ela.

Solomon balançou a cabeça, crispou os lábios e olhou ao

*image  
not  
available*

— São perguntas difíceis, mas importantes. O agente, quando você atirou nele... Estou me referindo ao momento do óbito. Aconteceu alguma coisa... Alguma coisa digna de nota? Fora do comum?

Ela não sabia bem como responder. Estava relutante em dar qualquer informação. Inclusive, tinha sido aconselhada pelo advogado a não discutir o caso com ninguém. Mas aquela pergunta... tão específica...

— Vi uma espécie de ondulação, uns vapores estranhos, emanando dele.

— Algum odor? Parecido com o de uma substância oleosa? Como ele sabia de tudo aquilo?

— Isso. Parecia solda queimada. — Ela se arrependeu das palavras assim que saíram da sua boca. — Foi um momento traumático, não tenho certeza de nada...

Solomon não estava julgando. Estava pensando.

— Você viu algum altar improvisado na casa?

Que tipo de pergunta era aquela?

— Não, nenhum...

— Um altar, um santuário. Talvez na garagem ou em uma edícula. Uma panela de ferro ou uma urna...

Ela o interrompeu.

— Não sei muito sobre a investigação porque também estou sendo investigada. Por causa dos tiros. E aquela casa não era mais dele, ou pelo menos ele não estava morando lá.

— Um caldeirão preto, talvez de ferro fundido — insistiu ele. — Pode parecer um vaso ou um cesto de lixo caso você não saiba o que é. E talvez encontre cabelo, cabelo humano, e OSSOS...

*image  
not  
available*

fazemos a invocação. Às vezes, somos nós que somos invocados.

Solomon voltou a fitá-la com seus olhos amarelados.

— Eu estava esperando que alguém viesse — disse —, mas com certeza não você.

A atenção de Odessa havia se dispersado. Parecia que as coisas que ele falava ora eram coerentes, ora não. A única certeza que ela tinha era que queria muito ir embora. Mas sem parecer rude.

— Enfim, agente Solomon, os seus pertences estão nesta caixa — avisou. — Quer que eu abra um espaço no armário para eles?

— Pode levar de volta — retrucou ele.

— Não posso...

— Não tenho família, ninguém para quem doar essa tralha, que dirá alguém para me ajudar a levar tudo para casa. Se é que eu vou voltar para casa um dia... E, por falar nisso, sei que estou me intrometendo, mas, com a suspensão, você tem tempo de sobra...

— Não é uma suspensão oficial, sabe...

— Ah, entendi errado, então — disse ele, com um sorriso gentil. — Mas, como eu já disse, não tenho mais ninguém na vida. Se eu passar meu endereço, poderia levar essas coisas de volta para a minha casa, por favor? E, já que vai estar lá, poderia dar uma olhada geral? Acender as luzes, dar comida para o Dennis? Caramba!

— Quem é Dennis?

— O peixe que eu adotei. Um peixe órfão. Muito triste... Ele deve estar com uma baita de uma fome.

*image  
not  
available*



homens negros simplórios. Solomon estava se esforçando para não cometer o mesmo erro ao julgá-los.

— Vocês estão com a corda? — perguntou ele.

— Estamos — disse o xerife, dando de ombros.

— É uma corda comum. E já estava velha — informou Macklin. — Pode ser de qualquer estábulo de qualquer propriedade a um raio de oitenta quilômetros daqui.

— E vocês estão com o sapato? — indagou Solomon.

— Que sapato? — retrucou o xerife.

Solomon apontou para o pé de Hack Cawsby com meia.

— O sapato.

— Ah, sim, estamos com o outro sapato. Estava por aqui.

Solomon assentiu.

— Ou ele chegou aqui sob coerção, ou foi ludibriado. Ou veio na garupa de um animal.

O xerife Ingalls não parecia muito disposto a discutir as suposições de Solomon.

— Fizemos uma busca pela região. Não encontramos nenhuma marca de ferradura.

Solomon viu resíduos chamuscados no sopé da árvore, debaixo de onde o corpo ficara pendurado.

— Mas queimaram uma parte do solo. Talvez para acobertar algo.

— Não acho que tenham feito uma fogueira — declarou o xerife, já entediado. — Escuta, você queria ver a cena do crime. Disse que as fotos não eram o bastante. Bom... Aqui estamos. E então?

Solomon afastou alguns dos gravetos e das folhas estorricados com o pé, numa parte intocada do solo, usando a



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.